

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO-XIII

Melgaço, 1 de Janeiro de 1960

N.º 200

De Paris a Verdun

São horas de deixar Paris. Bem me custa afinal mas são poucos os dias de que posso dispor e o Sr. Padre António Esteves, que há dias cantara a sua primeira missa em Rouças, devia ter pressa de seguir para o seu novo campo de apostolado, para Coussou.

Estávamos já no dia vinte e um de Setembro. Manhã fria, cinzenta, de nevoeiro. Eram seis e meia da manhã, quando saí da residência, onde me tinha instalado, levantei a minha pasta e mala, que tanto me havia de custar e segui para o «metro», já que àquela hora, me fora impossível encontrar um taxi, que me levasse à estação de caminho de ferro. Não foi que os não houvesse...

Iam já os «metros» repletos de pessoas, que seguiam para o seu trabalho.

Pelo caminho, fui recordando o carinho com que tantos dos nossos rapazes me trataram. Nada me faltou em Paris. Nada. A delicadeza dos reverdos padres religiosos de que fora hóspede, as atenções de toda a nossa numerosa e garrida colónia melgacense, os monumentos daquela famosa urbe, a que desde os bancos do Seminário ficara preso, tudo me fazia saudade... Alguns desgostos, que Deus na Sua misericórdia me enviara, nada contavam.

Eram cerca das sete horas, quando me instalei no comboio que seguia para Chalons Sur Marne.

Já custava um pouco suportar aquele frio de Paris. E no compartimento, cómodo por sinal, não funcionava o aquecimento.

Não lhes digo nada. Custou-me muito aquela viagem até Chalons. Muito. Pensei que aos meus numerosos amigos de Verdun lhes iria dar o desgosto de me acompanharem ao hospital. Mas em Chalons o sol veio aquecer-nos a todos e a auto-motora era mais confortável.

Bastante vegetação. Longas campinas e muito gado de leite, pastando ao longo dos campos. Pesados tractores arastavam-se desafiando o trabalho. Poucas povoações e a igreja, sempre à igreja!, dominando e abençoando os lugares e os campos. As casas (a curiosidade que eu levava, de tanto que me haviam falado do nível de vida de França) as casas não me pareciam ricas e bastantes eram pobres e pequenas. E ao longo da via férrea, monumentos patrióticos da primeira grande guerra, desagravando a França em desafio à Alemanha.

Eram 11, 1/4, quando cheguei a Verdun.

Como já me parecia tardar esta cidade de tantas recordações, a terra do grande cabo de guerra, que os Franceses veriam morrer, fulminado por uma sentença iníqua, o glorioso marechal Pétain.

Por várias vezes salvara a sua Pátria; no seu peito brilhavam medalhas de primeira grandeza e fora condenado como um traidor!

Que será feito do nosso Vítor do Crasto? E do José do Eurico, meus vizinhos e bons amigos?

Eles não sabiam que eu já me encontrava na sua terra de trabalho e eu então que estava ansioso por encontrá-los! Mas não acham que será melhor dizer-lhes tudo na próxima?

Adeus, amigos de Paris! Havemos de abraçar-nos brevemente nas ruas da nossa linda terra em Melgaço!

O VOSSO

Padre Carlos

«A VOZ DE MELGAÇO»

deseja a todos os assinantes, colaboradores, anunciantes e amigos
FELIZ ANO NOVO

Mensageiro da Bja Nova

Um dia, um missionário da província mais setentrional dos Estados Unidos chegava a uma aldeia de índios, após uma longa e faticante caminhada.

—Até que enfim—exclamava ele—que poso agora descansar à minha vontade.

Mas eis senão quando aparece ali um mestiço todo apressado a pedir que vá assistir a um velho pagão moribundo que deseja a sua presença e habita um tanto afastado. O missionário não tem tempo a perder e adquirindo novamente o vigor de antes põe-se a caminho a toda a pressa. Apenas chegou, saído o moribundo e após uma leve conversa, falta-lhe a religião e está o baptismo e «as alegrias celestes». O pobre moribundo já mal podia raciocinar e mal tinha visto também a figura dum sacerdote católico; mas senta com atenção tudo o que o missionário lhe diz.

A graça divina não encontrava resistência porque encontrava uma alma bem disposta e o missionário, ciente de que quem trabalhava era a graça divina baptiza aquela alma que renunciava para a vida da graça.

(Continua na 3.ª página)

BOAS FESTAS

Enviaram-nos os nossos ilustres colaboradores: Dr. Abel Varela e Seixas, Mário e António Augusto Gonçalves Ribeiro.

Gratos pela gentileza.



Dr. Alice Azevedo Constant, ilustre escritora, a quem hoje nos referimos, em «Livros Novos»

Gente e Coisas de «O Meu Ficheiro»

Este jornal deve a sua grandeza, que já a possui, em grande parte, à colaboração do querido Mário, o qual, desde a primeira hora está nesta brecha de lutas de imprensa séria, e, portanto, construtiva.

Da sua pena saem, impecáveis, em cada quinzena, as cartas da Vila e de Prado.

Do seu aparo cuidado saíram durante anos as deliciosas «Efemérides».

Outra colaboração nos tem enviado, e toda ela rica de oportunidade e bom senso, espalhada pelas páginas dos 199 números deste jornal. Hoje entramos no 200.º e o Mário cria uma nova secção: «Gente e Coisas de «O Meu Ficheiro».

Que o Senhor lhe dê muita saúde e longa vida para nos ensinar como a vida, traída pela natureza, se pode valorizar, dia a dia, ao serviço dos Homens e da Terra.



Pela Administração

Deram-nos o prazer de assinar «A Voz de Melgaço» mais os srs. D. Isolina de Moura Gomes, o Chefe do Posto da PIDE de S. Gregório, Augusto Domingues, João Fernandes Guerreiro e Manuel dos Ramos Meleiro.

Gratos a todos pela gentileza.

—Tem havido queixas dos srs. assinantes acerca de débitos em atraso. Embora sejamos os primeiros a reconhecer que, nisto de faltas se pode aplicar (e talvez com maioria de razão) o caso do Evangelho: «Quem estiver inocente atire-lhe a primeira pedra», no entanto parece-nos que, como norma geral e desde que o sr. assinante se não lembre de ter recebido, o pagamento está por fazer.

Os enganos poderiam ter sido fáceis aqui há uns anos, quando a administração estava em rodagem. Depois disso, não é fácil, sem prova em contrário.

E que há o máximo cuidado de dar baixa logo que

(Continua na 4.ª página)

Dr. Carlos Luís da Rocha

FOI HOMENAGEADO EM S. PEDRO DO SUL

Por um grande grupo de amigos e admiradores, foi oferecido um banquete ao notário sr. Dr. Carlos Luís da Rocha, banquete de despedida por ter sido colocado a seu pedido, em Arcos de Valdevez.

Vários oradores fizeram o elogio do homenageado, que em tão pouco tempo criou aqui um grande número de amigos e admiradores, devido à sua honestidade e apuro, lamentando todos a sua saída desta vila, onde só conta amigos e admiradores.

(De «A Voz» em correspondência de S. Pedro do Sul, de 14 de Dezembro)

Da Vila

Dezembro, 26.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Vinte e seis de Dezembro... o Ano 1959 está, portanto, agonizante.

Dentro de escassos cinco dias, vamos, pois, mudar de ano, e...

«Mudar de ano produz uma sensação semelhante à de mudar de casa. Quantas ideias, quantas esperanças, quantos projectos ligados à entrada em uma casa nova! E por fim mudamos para a nossa fresca e apetecida nova casa: passamos os primeiros dias alvorçados na acomodação dos móveis, do fato, dos livros e dessas mil bagatelas, que constituem o tipo peculiar, a feição característica da nossa vida doméstica, e quando se acha tudo no seu lugar têm desaparecido os realces da novidade, e com grande pasmo nosso achamo-nos outra vez os mesmos que éramos na casa velha preguiçosos, aborrecidos, desconsolados. Cada ano novo que passa por nós é como cada nova casa porque nós passamos: o mesmo alvoroço, as mesmas esperanças, os mesmos projectos, a mesma compreensão, o mesmo propósito, e afinal o mesmo desalento, o mesmo enfado, a mesma prostração, o mesmo desengano.»

Isto escreveu-o Ramalho Ortigão; mas nós não vemos o próximo Ano 1960 por lentes tão pessimistas, pois se nos afigura que o mesmo vai ser o ano em que os condutores dos grandes povos, após as inevitáveis teimas e tirapuxas, entender-se-ão e, assim, assentarão na coexistência pacífica, do que resultará a paz universal — a Paz porque a Humanidade, há tanto tempo, tanto anseia! E porque não há-de ser assim se no mundo há lugar para todos, sejam quais forem as suas crenças e ideologias...? — Ora...

Para Melgaço também é de crer que 1960 seja, já não diremos um ano farto e progressivo, mas um ano de paz e concórdia, visto a «orquestra municipal» ter ficado constituída por elementos que prometem não dar notas feias e desafinadas como tantas que ouvimos em concertos de triste memória.

Pois que, em 1960, todos estes prognósticos se confirmem é o que sinceramente muito deseja o

Crispino.

Feira do Natal — Foi no pretérito dia 23 que, nesta Vila, se realizou a feira em epígrafe, a qual, devido ao mau tempo, não terá tido uma centena de vendedores e outros tantos compradores... Ainda assim vamos consignar aqui, para os que depois de nós não-de vir, os preços que pediam ou porque foram vendidos os principais géneros na antevéspera deste Natal de 1959, sobretudo no mercado do dia 19 e bem assim nas mercearias em geral.

Milho a 8\$00, o meio decalitro; centeio a 11\$00, idem; feijão branco de 18 a 20\$00, idem; idem «catarino» a 17\$50, idem; idem frade de 14 a 16\$00; idem; idem rajado de 12 a 13\$00, idem; castanhas de 10 a 12\$00, idem; batatas a 1\$80, o quilo; cebolas a 2\$00, idem; o bacalhau, que noutros tempos nos foi um amigo tão fiel (peixes de 2 quilos) vendeu-se a 18\$00, o quilo; polvo congelado a 13\$00, idem; os tradicionais cacetes venderam-se a 5 e 6\$00, idem; pelos perús mais pequenos pediam 100\$00; um galo dos melhores custava 45\$00, mas havia-os mais baratos; as «penosas» compravam-se a partir de 25\$00, e um frango de geito custava 20\$00, embora os houvesse mais baratos; os ovos quem não desse 14\$00 pela dúzia... fazia cruzeiros às rabanadas; maçãs a 4\$00 idem; laranjas a 2\$00, idem; nozes a 11 e 12\$00, o cento; mel a 20\$00, o litro; azeite, cujo tipo e pureza não garantimos, custava (e custa) como é sabido, 16\$40, idem; as clássicas pinhas venderam-se a 2\$50, o par; dois limões enormes custavam 1\$50; não faltou couves de olho a partir de 1\$50 o molho e couves tronchudas a 2\$50, o pé; por 1\$50 já se comprava uma chila regular e por 2\$50 uma abóbora pequena; grandes ramos de salsa a \$50; repolhos e cenouras, respectivamente, a 3\$00 e 2\$50, o quilo; nabos a 1\$00 a cabeça, e pescada marmota a 17\$00, o quilo. E tudo o vento levou...

Falecimento — Em Várzea, Paderne, e em casa de sua nora sra. Sara Gonçalves Migueis, faleceu, no pretérito dia 16, o nosso velho amigo sr. Manuel Francisco Migueis, marinheiro aposentado da Armada, filho de Francisco Miguel e de Maria Catarina, e viúvo de Laura da Cruz Trancoso. Era natural de Ourique, Baixo Alentejo, onde nasceu em 1876, e muito estimado nesta Vila de Melgaço.

Paz à sua bela alma e nossas condolências à família dorida.

O tempo e a agricultura — Continua a chover ininterrupta e torrencialmente. As terras já não podem absorver mais água, o que dá origem a várias derroçadas nas de socalco.

(Continua na 3.ª página)

Parada do Monte, 10

No dia 5 do próximo passado viram-se no alto da serra as primeiras neves deste ano. No dia 9 outra nevada mais forte do que a primeira, pois esta chegou à freguesia embora com pouca duração pois veio a chuva e a derreter.

Também aqui parecem burlões vigaristas, mas não é do vigésimo premiado, é outo sistema de passar o conto muito diferente. Pois no princípio do verão vieram para esta freguesia trabalhar cinco pezeiros dois sujeitos. No princípio do coreu muito bem pagando os cébios, mas depois onde gastavam. Mas ultimamente ceiam em se atrair com as suas contos até que finalmente foram d'ix não aqui diversos calotes. Pois nós fiamos pelo que já andamos pelo mundo o que já sabemos o que é avila. E uma pessoa que anda pelo mundo, e se chega a uma porta e não lhe fiam e chega à outra e não lhe fiam e não tem dinheiro tem que morrer fadidamente. Estes senhores não sabem agradecer o bem que lhe fizeram. Pagou o bem com mal. E o que acontecerá daqui para o futuro? E que vem uma pessoa de bons sentimentos, comprador dos seus devotos, e não é servido. Por causa do pecador paga o justo.

Pois na freguesia pagaram o conto ao sr. Caetano Pires, ferriteiro; ao sr. Manuel Alves à sra. Eaura de Carvalho e o correspondente de «A Voz de Melgaço» e até aos próprios vizinhos.

Já nós e quecia a vez que também não pagou a renda da casa diante o tempo que esteve aqui.

Vigaristas estes precisam ser presos para não vigarizarem mais ninguém.

NASCIMENTOS — Deu à luz uma criança do sexo feminino a sra. Rosa Domingues e pose a sr. José Domingues do lugar do Paço, e deu à luz mais outra criança do sexo feminino a sra. Maria Pereira, esposa do sr. Manuel Esteves, do lugar do Casal.

PAÇOS (Continuação do pag. 4) devido a uma quebrada que caiu no dia antes do passar para o caminho público, tivemos que abandonar aquela terra com os nossos sapatos o que não era preciso, se aquele caminho que vem do Outeiro estivesse em condições; mas como ainda estava pior o remédio foi aguentar. Quantas lamentações eu ouvi da boca da gente do foia da freguesia. Não deixamos a vergonha para nós?... — C.

DE CASTRO LABOREIRO

Devido aos efeitos da grande tempestade que assolou todo o Mundo e também esta região, os telhados dos prédios foram em parte bastante danificados e muitos campos foram devorados pelas grandes correntes da água, assim como os arvoredos sofreram grande devastação, mas há que sofrer com paciência os castigos da Providência Divina, do que somos merecedores.

— Diariamente chegam a esta terra nossos conterrâneos vindos de laboriar nas longínquas terras de França, que regressam com alegria por visitar suas famílias e pessoas amigas, passando o Natal em conjunto de todos os seus.

— Devido à mudança dos habitantes para as inverneiras e os lugares ficarem despovoados, os lobos já se aproximam dos povoados.

Têm sido vistos aos 3 e 5 lobos juntos derivado à fome. Seria aconselhável fazer-se-lhes uma caçada pois quando os gados subam novamente à serra, muito será devorado por tais feras, o que se torna bastante prejudicial ao lavrador e também pouco favorável à Nação, caso este que devia ser resolvido por quem de direito.

O temporal em Melgaço — Dado às inclemências do temporal que se tem feito sentir em todo o concelho, os estragos que tem feito são de avultados prejuízos que somam em algumas dezenas de contos, principalmente nos desmorroneamentos de terras, etc.

Ali para os lados do lugar da Corga, da freguesia de Paços, rebentou uma veia de água que levou campos inteiros, assim como uma corte onde estava alojada uma vaca a qual se salvou por acaso, visto ficar encostada a uma esquina da referida corte que foi levada pela enxurrada.

O Rio Minho leva um caudal de água assombroso e nele se vêem à deriva diversos utensílios de casas de habitação, vindos dos lados da sua nascente.

A hora em que escrevo, parece amainar para melhor o tempo e oxalá assim seja.

PRADO, 26.

No dia 15 do próximo mês de Janeiro, realizar-se-á aqui, na sua capelinha, a costumada festividade em honra do milagroso Abade Santo Amaro, e logo no dia 20 do mesmo mês, na igreja paroquial, realizar-se-á também festa em honra do glorioso Mártir S. Sebastião, festa esta que há precisamente 40 anos aqui, se não realizava. Interessante seria se os mordomos desta última armassem o andar do Santo como sempre o armava Manuel Marques, de Fiães — que anualmente e por devoção, fazia a expensas suas esta festa — cujo andar parecia uma torre.

Mas, em resumo: o leitor tome boa nota e, portanto, nos dias 15 e 20 do próximo mês de Janeiro, não deixe de vir a Prado.

— Chegados de França, estão entre nós os srs. António Luís Afonso, Estêvão Hilário Gomes, Júlio Joaquim de Barros, José Augusto Ribeiro e seus filhos Alberto Augusto e José Augusto Ribeiro. Este último veio de moto, o que por este tempo constitui uma verdadeira proeza.

— A passar as férias de Natal com os seus, estão nesta as meninas Ilda Alves Esteves e Maria Ester Ribeiro, estudiosas alunas do Colégio de Ponte de Lima.

— Também está na Breia o sr. José de Sousa Lobato, estudante universitário da Faculdade de Medicina do Porto.

— De passagem para Vigo, esteve nesta freguesia o sr. Artur Fernandes Soares, enfermeiro dos Serviços Médico Sociais, em Lisboa, que se fazia acompanhar de sua esposa sra. D. Palmira de Matos Soares.

— Vieram aqui passar as Festas de Natal no convívio de seus irmãos, sr. Claudino Augusto Rodrigues e Esposa, o sr. José Vaz Moreira e sua esposa sra. D. Carolina Rosa da Cunha Sotto Mayor Martins Moreira, de S. Pedro da Torre.

— Também pelo mesmo motivo aqui se deslocou o sr. Manuel José Gomes de Sousa Junior, marinheiro electricista da Escola de Mecânicos de Vila Franca de Xira.

— Ontem, na igreja paroquial desta freguesia, foi baptizada uma menina, filha do sr. Gaspar Manuel Cortes e de sua consorte sra. Maria Luísa Calheiros Cortes.

— E, por este ano, haja o que houver, nada mais direi ao meu paciente leitor.

«Tá bem?...» — (C).

FURRIEL ANTONIO JOSE ALVES

Acaba de ser promovido a Furriel o nosso prezado assinante e amigo, sr. António José Alves, que passa a residir em Cascais, para onde foi transferido.

Aqui lhe deixamos os nossos melhores votos de prosperidades pessoais e profissionais.

Sociedade

ANIVERSARIOS

Fazem anos: — hoje, as s.r.as D. Fláviana dos Anjos Soares Moreira e D. Leonor Rodrigues Teixeira e os s.r.s. António Soares e António da Conceição Carvalho; amanhã as s.r.as D. Albertina de Jesus Domingues Pereira de Castro e D. Estefânia Alves Pinto e a menina Carolina Rosa Martins Moreira; no dia 3 Belarmina Rosa Vaz; no dia 5 o sr. José Justino Gomes de Sousa; no dia 6 a s.r.a D. Filomena da Conceição Rodrigues Vieites e a menina Rosa Maria Pereira Rodrigues; no dia 8 a s.r.a D. Armanda de Jesus Dias de Figueiredo; no dia 9 a s.r.a D. Ruth Belger Alves San-Payo e o menino António Rui Esteves Solheiro; no dia 10 a s.r.a D. Zulmira Augusta Dantas Domingues; no dia 11 o sr. Mário Francisco de Araújo e o menino Sérgio Rui Saavedra Marinho; no dia 12 o menino Alvaro Jorge Saavedra Marinho; no dia 13 a s.r.a D. Maria Elvira Barbeitos Ribeiro de Figueiredo e Castro Silva, os s.r.s. Abílio Domingues e Justino Vieites de Carvalho e o jovem Manuel Luís Gonçalves Merim; no dia 14 a s.r.a D. Hélio de Jesus Anselmo Pereira de Castro e as meninas Carolina Júlia Esteves Solheiro, Maria da Encarnação Pereira e Maria do Sameiro de Sousa Cerqueira, e no dia 15 o sr. José Vaz Moreira.

Nascimento — Em Lourenço Marques e no pretérito dia 14, teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma linda e robusta menina, a s.r.a D. Teresa de Jesus Martins Moreira Salgado, esposa do nosso particular amigo e assinante sr. Manuel José Salgado Júnior.

Tanto a mãe como a recém-nascida passam bem.

Notas pessoais — No pretérito dia 21, esteve nesta Vila o sr. dr. Augusto Morna, muito digno delegado do Instituto de Assistência à Família de Viana do Castelo.

— Chegado de França, está entre nós o nosso prezado amigo sr. José Alves de Melo.

— Para passar o Natal com os seus, esteve em Roucas o rev. P.e José Alberto Gomes de Sousa, muito digno administrador da «Empresa Diário do 'Minho Lda», de Braga.

— Também, pelo mesmo motivo, estão na «Casa de Galvão» os estudantes s.r.s. Alberto Magno e João Carlos Magno Pereira de Castro e sua irmã menina Maria Fernanda Pereira de Castro.

— Está para o Porto, onde foi passar as festas Natalícias com seus filhos e netos, a s.r.a D. Rufina Pinto. Acompanhou-a a s.r.a D. Violeta do Carmo Araújo.

Da Vila

(Continuação de 2.a pág.)

— Aos interessados, lembramos que em Janeiro podem semear: — aipo, alho-porro, alfaces (próprias da ocasião), beterraba para salada, cebolas, chicória, couves diversas (excluindo couve-flor, repolhos e bróculos), ervilhas, favas, nabijas, rabanetes, salsa, tomates (em estufim), centeio, giestas, tojo e penisco.

— Plantam-se morangueiros, batatas (onde não for de reear as geadas), alhos, videiras e árvores de fruto, parque e florestais. Mergulham-se videis; podam-se e limpam-se as videiras e árvores frutíferas, assim como também se limpam as colmeias, devendo incliná-las um pouco para escorrerem as águas pluviais, e reduz-se-lhes ao máximo a abertura.

— No mingunte, cortam-se canas, vimes e madeiras, nem só para construção como também para mobiliário.

Pescada de Janeiro vale por carneiro.

MENSAGEIRO DA BOA NOVA

(Continuação da 1.ª página)

Após o baptismo era difícil imaginar a alegria e contentamento daquele velho já bem perto da morte.

O missionário está para sair mas eis que o seu nófrito interrompe nesta exclamação: «O' Veste Negra ó Veste Negra vejo que ro.1 velho e a memória já me é fada. Veste já me esquecia o nome daquele que tanto me amou: por éis repetir-mo? E o missionário, não menos satisfeito, põe no seu Crucifixo e apresentando ao pobre velho diz-lhe: «Eis o que tanto nos amou a ponto de ter morrido por nós: é Jesus Cristo». E o velho, já sem forças e t. e. t. o Crucifixo, b. i. ja-o e fixando o amorosamente com os olhos cheios de lágrimas exclama: «Senhor, Jesus que pena ter-vos conheci o tão tarde! Oh! se Vos tivesse conhecido há mais tempo...» e não acabou a frase porque a sua alma voava para o céu.

Um missionário que baptiza... e uma alma que voa para o Céu. Sim mas quem obteve aqu. l. a conversão foi talvez algum cristão que por to. s rezando e oferecendo as suas penas e sacrificios pela conversão dos infelizes at. u. a graça divina sobre aquela alma.

E se hoje ag. o. m. di. nte fizés o mesmo pelo que não conhece ou despreza a Cristo e a Sua Igreja?..

Américo Lima

Livros Novos

«VIAGEM AO MUNDO DA MINHA INFÂNCIA»

de Alice Azevedo Constant

A poesia é a linguagem do coração, e há escritores cujo íntimo poético é duma riqueza incomparável, mesmo quando a linguagem tem aspecto externo de prosa.

Nela não há métrica nem rima: a vibração da alma — suave, profunda e saudosa — dispensa esses pormenores, e atinge alturas de beleza singular, porque alcançadas com o simples, o singelo, e o desafectado.

A poesia é a linguagem clara e leal de todas as horas, que a astúcia não mancha, e a maldade não fere, porque nem sequer a limita.

Por isso lemos os escritores com encanto e respeito, mesmo quando nos apresentam o mundo da infância.

Assim nos aconteceu com Alice de Azevedo Constant no seu livro «Viagem ao mundo da minha infância».

A autora é uma poetisa com direitos conquistados entre os verdadeiros cultores da poesia.

Sem temas complicados, sem ambições literárias que não sejam legítimas, Alice de Azevedo Constant trabalha a poesia — nela a poesia é expressão natural e desartificiosa da alma — como se estivesse a contemplar um fio de água cantante, brotando da rocha, a deslizar sobre areia, a brilhar ao sol nascente de primavera alta.

(Continua na 4.ª página)

Por Santa Rita

(Atrasada na Redacção)

É tão linda esta quadra do Natal, que está aí a chegar e tanto gostávamos de dar boas notícias aos nossos estimados leitores e amigos, a quem consideramos como uma grande família, a viver dos mesmos sentimentos afectivos por esta obra, e não podemos.

Não podemos! Como isto nos dói!

Nós não queremos parar. Nós não podemos parar.

O dinheiro, esse é que se vai fazendo muito rogado e aparece, sim, aparece, mas não tanto como era preciso.

Tivemos de procurar uma casa bancária, para fazermos face às despesas, que vão sendo muitas e assim, levantamos 20.000\$00. Não sei se leram bem: vinte contos. E o que agora ficamos a dever.

Mas a obra é que tem de continuar e há-de continuar com a ajuda de Santa Rita, que nunca nos tem faltado.

Os nossos amigos e os devotos da nossa querida Padroeira, não faltaram e assim:

Um generoso anónimo, de Prado, que já tem aqui muitas centenas de escudos, mandou-nos agora 20\$00. De outro generoso amigo, dos Arcos, a quem tanto devemos, mais 100\$00; do nosso mordomo, 806\$00; do Sr. José Lourenço, da Carreira, 30\$00; do Sr. Manuel Castro, de Oleiros, 5\$00; da S.ra Ludovina Soares, de Cavaleiro Alvo, mais 6\$00; também de Cavaleiro Alvo, do Sr. António Augusto Marques, mais 50\$00; do Sr. Alberto Ribeiro, de Prado, nas vésperas de partir para terras de África, mais 35\$00; da S.ra Felizmélia Rodrigues, dos Perzes, uma pobre que porfia em convencer a muitos que ainda nada deram, mais 15\$00; do Sr. Germano Sousa, do Sobral, mais 20\$00; da S.ra Maria Joaquina Fernandes, de Paderna, 10\$00 e do Sr. Manuel Domingues, da Cela, Rouças, mais 500\$00.

Também vários devotos pediram se lhes celebrasse a santa missa na igreja de Santa Rita e no passado domingo, houve sermão, segundo promessa da S.ra Libânia da Graça Lourenço, de Paderna.

E por hoje, nada mais podemos dizer. Demos graças a Deus. Muitas graças. Há poucos anos quase nada havia. Tudo isto nos parece um sonho.

Ó se todos quisessem...

As mais lindas rosas

As mais famosas árvores de fruto

As melhores sementes de flores e de horta

Bolbos, insecticidas, fungicidas, arvoredo, construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis

Moreira da Silva & Filhos, Lda

Rua de D. Manuel II, n.º 55

PORTO

Pinto de Magalhães, Lda

BANQUEIROS

CAPITAL DE RESERVAS: Sessenta milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE, ARCOS DE VALDEVEZ, PENICHE, FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, Lda — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

Paços, 10

Livros Novos

(Continuação na 3.ª página)

GENTE E COISAS
DE
«O MEU FICHEIRO»

O «ZINONA»

José Maria Alves, sobrenomeado o «Zinona», filho de João António Alves e de Maria Teresa Lourenço, nasceu, na Vila de Melgaço, em 1871, e aqui casou, em 12-4-1910, com Belmira dos Prazeres Pires, de 38 anos, filha de José Joaquim Pires e de Florinda Vitória Lourenço; portanto, primos co-irmãos, já que ambos eram netos de José Maria Lourenço e de Josefa Antónia Gonçalves.

Tal como seu pai — autor dos portões do cemitério municipal e outros trabalhos — o «Zinona» foi um serralheiro competente, e o que mais espanta é como ele conseguia fazer obras tão perfectas e bem acabadas com tão poucas e deficientes ferramentas que possuía...

No mister, ajudava-o seu cunhado Manuel, o «Néné». Este era semi-imbecil, o que o não impedia — ou até talvez por isso... — de ir todos os anos deabalada a Braga, gozar o S. João. Ia a pedibus calcantibus, comia e pernoitava onde e como podia e de igual modo regressava a penates, para, assim, não encetar o pé-de-meia angariado nos giros da pedincha; e, tanto antes da ida como depois do regresso, invariável e frequentemente dizia ele: — quem nam bai a Baga nam bê nada!

Apesar da sua semi-imbecilidade, era um filósofo este «Néné»...

Voltando ao nosso «Zinona», este além de competente artífice, era também um finório. A este propósito, lembro-me muito bem de quando o falecido Simão Luís de Sousa Araújo lhe encomendou os portões para a sua vivenda na Rua Velha, vivenda hoje pertencente a Manuel José Domingues (Mareco). Justaram a obra ao quilo... contrato que ao Simão, à primeira vista, se lhe afigurou ser um verdadeiro negócio da China... Não contou, porém, com a esperteza de Mestre «Zinona», e aqui é que ele havia de ser levado.

Efectivamente, o «Zinona», para a obra em questão, além de empregar ferro da maior bitola que lhe foi possível, ornou-a exuberantemente com aplicações o mais pesadas que pode conseguir; e o resultado foi que uma vez a mesma obra concluída quase não havia em Melgaço balança capaz de a pesar... O Simão, apesar de só ter um olho, achou-a pesada em demasia, mas pagou. Era, pois, um finório Mestre «Zinona»...

Viveu e faleceu na casa que foi sua — o prédio que faz gaveto com a Rua Direita e com o Largo do Município ou Praça do Pelourinho — em 3-4-1941, tendo havido do seu casamento três filhos, dos quais apenas lhe sobreviveu um: — a Leonídia. Como, porém, extra-matrimónio, gerou em Lucrécia Augusta da Costa Velho um ranchinho de bastardos, estes lhe tem assegurada posteridade por largos anos...

Mário

PENSO, 26.

No dia 8 do corrente mês foi realizada a festa em honra de Nossa Senhora do Rosário, constando de missa solene, sermão e procissão.

— No dia 11, na casa da sua residência, no lugar da Carreira (Felgueiras), faleceu o sr. Manuel Gonçalves tendo 62 anos de idade. O falecido era filho do sr. Bruno Gonçalves e de sua esposa Júlia Fernandes já falecidos e abastados proprietários nesta freguesia.

O funeral do sr. Manuel Gonçalves foi muito concorrido e acompanhado com pessoas de todas as classes e as respectivas confrarias das Almas e Senhora do Rosário. Paz à sua alma.

— Também no lugar das Lages (Crasto), faleceu a sra. Maria Bernardes, viúva, de 80 anos de idade. A falecida já há muitos anos que estava ceguinha, mas com a sua lucidez perfeita, era muito confortada com a vontade de Deus, aconselhando todas as pessoas que a visitavam para o bom caminho, causando e ficando saudades às pessoas do seu conhecimento. O seu funeral até à última morada, foi acompanhado de muita gente, e muito concorrido, com as respectivas confrarias das Almas, Senhora do Rosário e Coação de Jesus. Paz à sua alma.

— Também no lugar da Igreja (Badim), faleceu o sr. Manuel Pereira, irmão do nosso amigo e assinante deste quinzenário sr. José Pereira, residente na capital. O correspondente de Penso, dá-lhe os pésames pela dor e falta daquele seu irmão. — (C).

SAGRADO LAUSPERENE — Foi do passado dia sete para o dia oito d'ida Imaculada Conceição que se realizou na Igreja parochial desta freguesia a costumada devoção do Sagrado Lausperene.

O rev. pároco desta freguesia, Sr. Pe. Custódio José da Costa organizou para esse fim vários turnos de homens para velarem durante a noite sendo grande a concórdia de ambos os lugares. Ao sair da tarde do dia seguinte foi encerrado o Lausperene, com missa cantada pela J. A. C. F. desta freguesia.

Acolitaram a missa os Rev. mos Padre de Chaves e Cristóvão como mestre de cerimónias o Rev. Pe. C. Alvaedo.

A Igreja foi pequena de mais para conter tanto povo. Foi bem uma grande demonstração de fé para com o SS. Sacramento.

FALECIMENTO — Faleceu há dias no lugar do Casal a Sra. Júlia do (Herceiro) esposa do Sr. José Silvo Pires, e mãe queira dos Srs. António Alberto Pires, José Pires, Vitorino Pires, Abílio Pires e Jucite Pires, Maria Pires e Júlia Pires; Sogra dos Srs. José Pereira José Torre, Sebastião Alves, Adelaide Ferreira e Alzira e Carvalho Pires.

Paz à sua alma e à família enlutada em meu nome e em o da «Voz de Melgaço» apresento sentidas condolências.

BAPTIZADO — Há dias foi baptizado nesta Igreja uma menina filha do Sr. Manuel António Alves e de sua esposa Rofina Lopes, do lugar do Goyendo.

Também foi baptizado nesta Igreja outra menina filha do Sr. António José Alves e de sua esposa Sra. Laura de Brito, do lugar do Outeiro.

CASAMENTO — No passado dia 29, realizou-se nesta Igreja o enlace matrimonial da menina Judite de Abreu, filha do Sr. Carlos de Abreu e de sua esposa Júlia Fernandes de Abreu, com um rapaz da freguesia de Pindo, actualmente residente no Canadá. Este casou por procuração.

Atenção! — Não se esqueçam de pagar a contribuição mensal para o jornal e a quem foi enviado o respectivo recibo de débito!

Atenção JUNTADA FREGUESIA — Venho lembrar-vos que quando me foi o último enterro que tivemos que passar pela carga do Barreiro, sim co'ga porque de caminho não tem a...

(Continua na 2.ª página)

E simples e íntima, tão íntima que, às vezes, nos parece alheia ao mundo em que vivemos, e nunca ao mundo da poesia.

A poesia em Alice Azevedo Constant é verdadeira expressão de alma.

Iniciou a obra poética, em 1947, com um livro de sonetos — «Escuta, meu Amor» —, continuou-a com «Braseiro», em 1950, seguindo-se, em 1953 e 1955, «Sonhar» e «Luar na Sombra», ampliou-se, em 1957, com «Rio sem margens», livro de poemas.

Em 1959 trocou os preceitos da métrica pela prosa. A alma poética é, no entanto, a mesma: o coração abre-se em emoções de viva saudade, os olhos quedam-se-lhe presos «ao mundo da infância».

Para os reencontrar, realizou esta «Viagem», e, para nós, talvez sem que o desejasse, este livro de prosa explica a poetisa, visto que a alma do poeta há-de sentir e sofrer a dor, em si ou nos demais, para escrever autêntica poesia.

Alice de Azevedo Constant revela, só agora, as dores acérrimas que lhe marcaram a veia poética.

Para nós é, este, o primeiro interesse do livro: auxiliá-nos a compreender a obra poética de Alice de Azevedo Constant.

O «Viagem ao mundo da minha infância» oferece, ainda, ensejo de cada um de nós se reencontrar numa viagem, igual ou parecida, à nossa infância, para a revermos com saudade e respeito.

Saudade e respeito sintetizam os trechos deste livro, que oferece oportunidade aos pedagogos de não descurarem minúcias, insignificantes na aparência, da psicologia humana e, portanto, também feminina, como aquela maravilhosa história, do capítulo «Janela dos rochedos».

Parecendo «Viagem ao mundo da minha infância» livro de interesse pessoal da autora, é do interesse de todos: pela poesia de alma com que está escrito, pela altura a que se elevam os pequenos e insignificantes casos da nossa infância, pelos laivos de saudade que provoca a sua leitura, e pela doce tranquilidade de alma em que nos embala.

J. V.

Pela Administração (Continuação da 1.ª página)

chega o dinheiro e o recibo é entregue à pessoa interessada. A cobrança não sai sem ser vista e revista em Braga e em Melgaço, dado que o pagamento está a ser feito nos dois lugares; 2 ou 3 vezes por ano, os respectivos livros de baixa, quanto a pagamento, são actualizados, de modo que — embora admitamos a possibilidade de enganos — hoje estão reduzidos ao mínimo.

Apresentam os nossos amigos como razão, sobretudo o facto de lhes ser apresentado 1 ou 2 ou mesmo 3 anos anteriores. Isso apenas quer dizer que a cobrança não foi entregue nesse ano e pelo simples facto de ser costume os srs. assinantes espontaneamente virem pagar as assinaturas, pelo que nos tem sido poupado o trabalho de cobrança directa e imediata. Só mandamos a cobrança, quando ela se atraza um bocadito e fazemo-lo então para evitar futuras queixas dos interessados que se irritam — e justamente — por nos termos descuidado no envio da cobrança, mas, repete-se, isso acontece, porque, em geral os srs. assinantes pagam directamente.

Acontece ainda que alguns assinantes mudam de residência e nada dizem. Outras vezes, acontece que informam e o expediente falha; outras ainda, o expediente excede-se a si mesmo em zelo ou em descuido e passa a mandar 2 ou 3 jornais para o mesmo assinante.

Como estamos na época do Natal — data de perdão geral — que os nossos amigos nos relevem as faltas, que são sempre involuntárias e muito nos contrariam, mas como o erro é próprio dos homens...

E já que estamos com a mão na massa, queremos pedir desculpa aos srs. Manuel Fernandes e Aurélio Fernandes que há 18 meses que não recebem o jornal e a quem foi enviado o respectivo recibo de débito!

O caso explica-se, antes de mais nada, porque ninguém está livre dessas faltas, como acima se disse e apesar de todos os cuidados, e, em segundo lugar, porque felizmente os assinantes são muitos e, apesar de todos os cuidados em tomar nota dos que chegam, da mudança de direcção, dos que suspendem, acontece sempre que o livro de registo de cobranças não alinha pelo expediente, por culpa deste último, que falha mais vezes do que seria para desejar.

Que os queridos Amigos nos relevem a falta e obrigado por nos permitirem continuarem a dar-nos o prazer da...

A VOZ DE MELGAÇO

Director e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada—Braga
AVENÇA»

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO—XIII

Melgaço, 15 de Janeiro de 1960

EM VERDUM

Foram dois dias muito agradáveis os que passei em Verdum, junto dos nossos rapazes. A colónia portuguesa era numerosa, Chaviães, Lamas, Fiães etc. e então duha vitalidade de patriotismo, que vivamente me impressionou logo à chegada. Vi-os passar de bicicleta, mas evavam com eles as bandeiras da nossa amada Pátria.

Quando me levantei, do almoço e me dirigi para a empresa Domenois e dei com alguns destes rapazes, senti mais uma vez na minha alma o orgulho de ser português.

Tanto se caluniam os nossos homens de trabalho, que lá fora, ajudam outras nação. na sua afanosa reconstrução e nos ajudam a nós todos, mandando para as suas terras o fruto do seu trabalho e não os atendemos levidamente e com respeito. Pois se os vissem como eu, nas ruas de Verdum nas suas bicicletas e com a bandeira da sua Pátria, tremulando ao vento, sentiriam novo orgulho de sermos portugueses e termos lá fora, ainda que incompreendidos, estes bravos trabalhadores, que tanto amam e respeitam a sua Pátria.

Prontamente cheguei junto das habitações, aliás modestas da nossa gente. Estava a camioneta de trabalho a receber os últimos que subiam... E logo que me viram, festa que me foi feita! Tinham de partir para os seus trabalhos, que os portugueses são disciplinados, mas logo me aparecem dois, o Victor do Crasto e o José do Barico, da Devesa, que pediram dispensa ao seu mestre para deixarem o trabalho, ficando aqueles dois dias à minha disposição.

O Victor pareceu-me o condestável daquela batalha dura e áspera nas terras de Verdum. É um rapaz muito querido e estimado por todos e tanto, que logo pôs à minha disposição tudo o que fazia falta.

Esperamos que o trabalho daquele dia terminasse, para nos reunirmos todos, e entretanto fomos passear pela cidade.

Lembro-me duma igreja que visitamos, asseada, limpa... A entrada, no guarda-vento um cartaz, que era um símbolo (se os nossos católicos fossem assim...) Uma senhora tendo junto de si, lado a lado, duas meninas da escola, e por sobre elas, as suas mãos, acarinhando-as... Um baixo estas palavras: **Ambas são minhas filhas, estimadas.** É que uma ia à escola pública, do Estado, outra à escola particular, da Igreja.

Por ela, por essa batalha, deram os Prelados de França o melhor do seu entusiasmo, pois é esta para a Igreja uma questão de vida ou de morte.

O Victor conseguiu para a tarde um carro, a fim de irmos ao cemitério de Beaumont dos mortos no campo de batalha da guerra de 1914-18. No alto do monte, próximo de Verdum, sobre uma relva, muito viva, devidamente alinhadas, milhares e milhares de cruzes brancas ao cimo, uma linda capela com uma torre e cruz aabençoar os corpos daqueles que ali deixaram o sangue pela sua Pátria.

Fui lá duas vezes, creio que no carro dum simpático rapaz de Fafe, que me prometeu convidar para o seu casamento, o Sr. Lopes, mas esqueceu-se e fiquei com muita pena, não, porque eu seja amigo de ir a casamentos, mas porque a estima que me dispensou o Sr. Lopes com respeito dos nossos confratérios, foi muito grande.

Pois aquela visita, assim ao fim da tarde, ao por do sol, no alto daquele monte tão cheio de recordações, nunca mais se esquece.

Os nossos rapazes vieram chegando, fomos-nos cumprimentando e o Victor com o José do Eurico levaram-me à pensão onde pernoitaria e deram ordem para que nada me faltasse.

(Continua na 3.ª página)

Sociedade Aniversários

FAZEM ANOS — Amanhã a s.ra D. Maria Ivone Ferreira da Silva Pardal; no dia 17 a menina Izilda de Jesus de Melo Araújo; no dia 18 a s.ra D. Zulmira da Glória Afonso Ribeiro, a menina Maria Arminda Dias de Figueiredo e o jovem Carlos Augusto Alves; no dia 20 o sr. José do Nascimento Gonçalves; no dia 21 o sr. António Abílio Rodrigues da Cunha; no dia 22 a menina Maria Florinda Lopes de Sousa Cardoso; no dia 24 as sras. D. Maria Beatriz Ribeiro de Castro e D. Maria da Paz Soares Calheiros Gonçalves; no dia 25 os srs. António Perfecto Soares e Eulário dos Anjos Golim; no dia 26 o jovem Fernando Nuno Dantas da Costa Afonso; no dia 27 o menino Fernando António do Souto Alves; no dia 28 a s.ra D. Judite de Barros Durães; no dia 29 a s.ra D. Maria Júlia das Neves Pinheiro; no dia 30 as sras D. Graciana Gonçalves e D. Ofélia de Ladeira Reis Gonçalves e no dia 31 o sr. Mário Guerreiro-Ranhada.

Encontra-se entre nós, em goso de férias o Sr. Joaquim de Jesus de Sousa, soldado da G. N. R. em Lisboa e natural do lugar de Várzea, freguesia de Padarnes.

Banda dos Bombeiros

Sob a presidência do sr. Professor Rodrigues, muito digno Presidente da Câmara reuniu, há dias, nos Paços do Concelho, a Comissão que, juntamente com o sr. Mestre Moraes trabalha na reorganização da nossa Banda.

Parece que felizmente tudo decorre bem, esperando-se que os primeiros ensaios não demorem.

Pelo Hospital

Movimento no Banco durante o mês de Dezembro de 1959:

Consulta: 237; injeções,
(Continua na 3.ª página)

AOS NOSSOS AMIGOS

Suspendemos a cobrança durante as festas, a fim de que os srs. assinantes pudessem pensar apenas na família e ainda para contarem com o dinheiro apenas para as alegrias desta quadra festiva. Em começo de Janeiro, voltamos, se Deus quiser, pelo que pedimos o interesse do costume, especialmente da parte dos empregados públicos que mudam com frequência e, às vezes, a cobrança torna-se praticamente impossível.

—Deram-nos o prazer da assinatura mais os srs. Manuel Rodrigues, França; José Augusto Dantas e Augusto Vaz.

—O Sr. A. J. Fundinho teve a gentileza de nos enviar 50\$00 para a assinatura de 1960—dele e do sogro, sr. Jorge da Costa Dantas, e mais 10\$00 para «A Voz de Melgaço».

Gratos pela gentileza, aqui fica a expressão do nosso melhor agradecimento.

TOMADA DE POSSE

DO NOVO NOTÁRIO DOS ARCOS DE VALDEVEZ,
SR. DR. CARLOS L. ROCHA

No passado dia 30, tomou posse do lugar de notário no vizinho concelho dos Arcos de Valdevez, o nosso confratâneo e amigo, Sr. Dr. Carlos Luis da Rocha.

Foi invistido nessa função pelo Sr. Dr. Mário Tavela Lobo, 1.º Substituto do Juiz de Direito, que, dirigindo-se ao empossado, disse, estar de parabéns o concelho dos Arcos por as ingratas e difíceis funções de notário serem confiadas a uma pessoa com as altas qualidades do Sr. Dr. Rocha. Que já sabia tratar-se de um funcionário distinto e de uma pessoa de bem, o que era comprovado pela presença ali de tantas e tão qualificadas pessoas, muitas das quais idas de Melgaço e São Pedro do Sul.

O Sr. Dr. Francisco de Sales Loureiro, Presidente da Câmara M. de São Pedro do Sul, usou, a seguir da palavra para fazer o elogio do Empossado e para lhe dizer da muita saudade por o ver partir de São Pedro, onde as suas qualidades de inteligência e de carácter o impuseram à consideração dos sampedrenses, que muito lhe querem e que «só por milagre» poderão encontrar, para a sua terra, um notário com as qualidades do Sr. Dr. Rocha. Disse ainda, que da muita estima que S. Pedro do Sul tributa ao Sr. Dr. Rocha foi prova eloquente a homenagem que ali lhe prestaram num banquete que reuniu à sua volta uma centena de amigos, e a justiça das palavras com que vários oradores enalteciam as suas virtudes.

O Reverendo Padre Manuel Lourenço, que se seguiu no uso da palavra, disse que, como amigo do Empossado, não queria fazer o elogio do Sr. Dr. Rocha, porque isso seria, até certo ponto, fazer o elogio dele, orador. Felicitou o Sr. Dr. Rocha e disse da muita alegria que aquele numeroso e distinto grupo de Melgacenses, com os seus queridos Arcipreste e Presidente da Câmara, sentia por o ver tão perto.

Finalmente, o Sr. Dr. Carlos Rocha, agradeceu a presença de tantos amigos e as palavras que os oradores lhe dirigiram, afirmando que continuará a ser o funcionário íntegro e trabalhador, com a porta do seu gabinete sempre aberta a todos os que tenham que recorrer aos seus serviços e o homem que, sem deixar de ser igual a si mesmo, com todos procurará manter as melhores relações. O novo notário foi muito cumprimentado por dezenas de pessoas que ali se encontravam.

Da Vila

Janeiro, 10.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Por ocasião da quadra natalícia, por quem de direito, foi, como é sabido, anunciado o lançamento no mercado para consumo público não nos lembra já de quantos milhares de quintais de bacalhau. E devem ter sido lançados, mas... a verdade, a verdade nua e crua, é que esse contingente não chegou a todos os retalhistas a tempo e horas, pois, aqui, uns receberam-no no dia 23 e outros, do meio rural, parece que nem uma barbatana lhes tocou... Culpa de quem...?

A fiscalização da I. G. A. passou por aqui e levantou alguns autos a comerciantes que o tinham escondido, cujos nomes não interessa revelar. Não interessa revelar os nomes dos autoados, é certo, mas interessa dizer que a atitude dos mesmos não nos parece censurável, pois se assim procederam não foi com intenção especulativa—que, diga-se de passagem, a quase totalidade dos comerciantes desta praça é séria e honesta—mas tão somente para servir os seus fregueses—aqueles fregueses que com as suas compras do dia-a-dia, os fazem viver durante o ano...—não sendo, pois, justo que os mesmos comerciantes satisfaçam clientes adventícios em prejuízo daqueles. A ética é ou devia ser esta, mas, como diz a conhecida máxima latina, *dura lex, sed lex*.

Agora, já que estamos com as mãos enfarinhadas, aproveitamos o ensejo para dizer que o que a todos os títulos nos parece condenável foi a atitude daquele armazenista português que só fornecia bacalhau aos retalhistas mediante a aquisição dumhas tantas caixas de vinho do Porto!!! A gente lê e apenas acredita...

Em que lei é que se teria firmado para proceder assim?... Felizmente que o caso está entregue à Justiça e estamos a certeza certa—não o tratará com luvas de veludo, mas com mão de ferro.

Crispino

Pela Matriz—Durante o ano findo, realizaram-se na freguesia desta Vila 34 baptizados:—18 do sexo masculino e os restantes do sexo feminino; celebraram-se 19 casamentos, e houve 15 óbitos:—2 homens adultos, 11 mulheres também adultas, e 2 meninas. Em relação a 1958, há, portanto, na freguesia um excesso demográfico de 19 almas.

No mesmo período, foi de 9.000\$00 a receita para a manutenção do culto, aquisição de alfaias e conservação da igreja, e foi de 5.527\$00 a despesa. Há, portanto, um saldo de 3.473\$00 que vai ser aplicado na pintura do Altar-Mor e na aquisição de um frontal novo para o mesmo.

Falecimento—Em 28 do mês findo, faleceu nesta Vila, a s.ra Doroteia Baleixo, de 85 anos, pessoa muito estimada no nosso meio e cujo funeral foi muito concorrido, apesar da chuva.

A toda a família enlutada, em especial a sua sobrinha s.ra Alba Augusta Baleixo Fernandes, apresentamos sentidos pésames.

Mercado semanal—No mercado que, ontem, se realizou nesta Vila, vendeu-se:

Milho a 8\$00, o meio decalitro; centeio a 12\$00, idem; feijão branco desde 17\$50, idem; idem rajado de 12 a 13\$00, idem; batatas a 1\$80, o quilo; cebolas a 2\$00, idem; galos, galinhas e frangos desde 30, 25 e 15\$00, cada, respectivamente; ovos a 11\$00, a dúzia, laranjas desde 1\$50, idem, e sardinhas a 4\$50, idem. Houve extraordinária abundância de hortaliças, especialmente couves de olho a partir de 1\$00 o molho.

O tempo e a agricultura—Graças a Deus que desde o princípio do mês tem feito um tempo verdadeiramente criador—um tempo que bem mal teria andado quem o não tenha aproveitado para proceder às sementeiras de centeio, podar as videiras e fazer outros trabalhos agrícolas próprios da época.



PRODUTOS PARA VINHOS
APARELHOS PARA ANALISES
MÁQUINAS PARA ADEGA
TESOURAS DE PODA «PRADINES»

Sociedade de Representações Guipeimar, L. da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155—1.º—PORTO
Telef. 28093

Teleg. Guipeimar

Ministério do Saúde e Assistênc

Direcção-Geral de Saúde

Delegação de Saúde do Distrito
de Viana do Castelo

EDITAL

A Delegação de Saú e do Distrito de Viana do Castelo torna público que os trabalhadores das indústrias e comércio de substâncias alimentares constantes da Portaria n.º 15.184, de 30 de Dezembro de 1954, devem apresentar-se a exame médico nas subdelegações de saúde dos concelhos da sua residência para obterem ou revalidarem o boletim de sanidade, nos meses seguintes:

JANEIRO

Trabalhadores da indústria de panificação, incluindo os distribuidores e vendedores de pão;

FEVEREIRO

Pessoal leiteiro ocupado na ordena, transporte, distribuição e venda de leite bem como o empregado nas indústrias e laticínios nas centrais de pasteurização, centrais leiteiras e postos de recepção, recolha e análise de leite;

MARÇO

Pessoal de fábricas de refrigerantes, bem como de fábricas de cerveja, de sumos de frutos e de xaropés;

JANEIRO; FEVEREIRO E
MARÇO

Pessoal de hotéis, pensões, hospedarias, restaurantes, casas de pasto, botecas, bares, tabernas, adegas, casas de comidas e bebidas, quaisquer outros estabelecimentos de bebidas, cafés, casas de chá, pastelarias, confeitarias, mercearias e vendedores ambulantes de bolos e gelados;

ABRIL

Pessoal de moagens e fábricas de massas, de bolos, bolachas e biscoitos, de cacau e chocolate, de conservas de frutos e de gelo e gelados;

Pessoal de matadouros, talhos e salchicharias, depósitos de carne e peixe; depósitos de fressuras e tripas e de todas as indústrias de preparação de carnes, incluindo as fábricas de conservas de carne e de peixe;

NOTA — O não cumprimento desta disposição legal implica a multa prevista no Artigo 28.º do Decreto n.º 13.166, de 28 de Janeiro de 1927.

Viana do Castelo, Dezembro de 1959.

Rouças, 11

No passado dia de Reis, realizou-se nesta freguesia o cortejo de oferendas, para melhoramentos na casa paroquial, concorreu toda a freguesia e com muito entusiasmo, rendendo ao todo, uns 12.000\$00. Atendendo a que esta freguesia tem feito já muitos cortejos, quer para a Santa Rita, quer para a igreja, este foi bom.

Veio bastante gente, não só da freguesia, como das vizinhas, que muito animaram os leilões.

Foi muito apreciado o rancho folclórico de Vila, ensaiado pelo Sr. Manuel Lourenço de Eiró, a que prestou a sua colaboração, aliás muito aplaudida o simpático «Comunista», que agora regressou de França.

Também foi muito apreciado o rancho de Cavaleiros e lugares vizinhos, Paço, Cabana, Cobreiros e Ponte. Mas o fio José de Surribas deu as cartas, à frente do seu grupo, devidamente equipado. O Lourenço, da Carpinteira, também fez sucesso com o seu rancho de rapazes. Enfim, tudo correu muito bem, nada havendo de desagradável a registar-se.

O rendimento por lugares foi o seguinte: Pombeira, Telheiro, Vinha de Cima, Picouto, Cerdedo e Telheiro, 756\$00; Val, Picota, Eiró e Requeijo 7 sacos de milho e 620\$00; Corçães e lugares vizinhos, Boa-Vista, e Fecho, 1.350\$00; Cavaleiros, Cabana, Paço, Cobreiros, Quinta e Estar, 1.770\$00; Surribas e Crasto, 912\$00; Sobrais, Aldeia, Porto e Pêreses, 1.824\$50; Igreja, 860\$00; Eira e Cela, 1.200\$00. E mais, de um anónimo, 500\$00, de Augusto Durães, de Bilhões, 20\$00; de Lobió, 11 sacos de milho e mais as seguintes ofertas: António Daniel Gonçalves, 100\$00, Manuel Meleiro, 120\$00; António Esteves, 50\$00, Manuel Vaz, 50\$00; António Soares, 50\$00; Mais os de Manuel Pinho, da Verdade, 70\$00; Anselmo Esteves dos Carvalhos, 50\$00; Manuel Esteves, 20\$00; Júlia Rodrigues, Surribas, 20\$00; Ermezinda Baleixo, 20\$00; Germano Alves, de Paço, um filho desta freguesia, e que nunca a esquece, a pesar de viver em São Paio, 100\$00; Manuel Vicente Pereira, da Carpinteira, 50\$00; Manuel Rodrigues, também desta freguesia e que está sempre pronto a ajudar-nos, 100\$00; Manuel José Marques, Sobral, 25\$00; José Esteves, Carreira, 20\$00; João Manuel Rei, Carreira, 100\$00; José Caldas, Bilhões, 50\$00; António Fernandes, Monte, 50\$00 e Carlos Rodrigues, um rapaz pobre, que deu 100\$00 para o seu ramo, do Telheiro e mais 100\$00, que entregou ao seu pároco.

Graças a Deus, precisava-se de muito mais. Muito mais, mas, nesta freguesia, começou-se pelas igrejas, por haver mais necessidade, reparando-se a nossa paroquial, que interiramente, vai ficando uma das melhores do nosso concelho e fez-se a de Santa Rita. Agora porém já era tempo de começar com a nossa casa paroquial, pois bem precisa. A não ser a de Lamas de Moura, a nossa era a pior. Parabéns pois a todos os paroquianos, que assim souberam estar mais uma vez com o seu pároco, valorizando a sua freguesia.

Sabemos que já começaram as obras, sendo em breve coberta com nova telha mourisca. Avante pois.

Foi baptizado o menino, José António, da Quinta dos Frades, filho de Manuel António de Sousa e de Maria Teresa Rodrigues, sendo padrinhos os nossos estimados pais, assinantes e amigos, Sr. Vitorino Alberto Pires, digno vereador da nossa Câmara e sua Esposa, Sr.ª D. Aurora de Nazareth Gonçalves. O pai que tinha de partir para França, aonde vai trabalhar, pediu adiamento da sua viagem, para assistir à linda festa e de seu filhinho.

E também Maria, filha dos Srs. António Augusto Afonso, e de Maria Herminia Domingues, de Paço. Seu pai ainda não pôde ver sua filha, pois encontra-se em França, a trabalhar. Foram padrinhos, os dois irmãos mais velhos.

E José Manuel, de Lobió, filho dos Srs. Manuel Soares e de Prazeres de Jesus Meleiro, sendo padrinhos, José Soares e Ortência de Jesus Meleiro. Também seu pai ainda não pôde ver o filhinho, por se encontrar em França a trabalhar.

Aos neo-cristãos, muitas venturas.

Faleceram nesta freguesia: o Sr. António Joaquim Esteves, na Pombeira, sogro do Sr. José Crispim, a Sr.ª Ana Cardoso, de Bilhões e a Sr.ª Filomena Sarandão de Cavaleiros. A todos desejamos o eterno descanso junto de Deus, a Quem serviram neste mundo.

Há também alguns casamentos em perspectiva, mas para já nada se pode dizer.

Por Santa Rita, 11

O que lhes dizem, neste novo ano, é que vá muito frio, muito mesmo. Então hoje, a nossa lindíssima igreja encontra-se envolvida em branco manto de neve frigidíssima.

Vai pois muito frio e os nossos homens, que andam à trabalhar, lá foram passar as suas férias de Natal a casa.

O frio faz-nos muito mal e nós queríamos que o terreiro e casa da mesa se inaugurassem em Junho próximo, quando da festa em honra de Santa Rita. Vamos ver...

Brevemente chegará o material para a placa de cimento, a colocar sobre o primeiro piso.

Tem havido muito movimento deromeiros, até porque chegaram de França os nossos rapazes que tem em Santa Rita a sua Padroeira, a Quem vão ajudando com todo o entusiasmo, de que são capazes.

Mais donativos:— Sidónio Barros de Almeida, de Lourenço Marques, mais 50\$00; Alvaro Bento Gomes, de Oleiros, chegado agora de França, mais 150\$00; D. Maria Albertina da Silva, de Prado, 20\$00; da D. Rosa de Abreu, Prado, 10\$00; do filho do nosso mestre João Crisostomo Cardoso, da Eira, que se encontra em França, mais 1.000 francos; de um anónimo de Couso, por intermédio do sr. Abade daquela freguesia, 500 francos; de um anónimo de Cavaleiro Alvo, mais 1.000 francos seus e 1.000 de um devoto e amigo; de Manuel Afonso, de São Paio, 6\$00; de Aurea Lourenço, S. Paio, 1\$00; de um menino, que partiu para Lourenço Marques, ainda não há muito, e já começou há meses, a enviar o que pode, para a nossa querida Santa Rita, mais 50\$00; do sr. Germano Afonso, de Cavaleiros, que tanto nos tem ajudado, mais 500\$00; do sr. Américo Rocha, de Penso, 120\$00; do sr. Celestino Afonso, da Quinta, mais 50\$00; do sr. José Cândido Codesso, de S. Paio, mais 200\$00; do sr. António Rodrigues, do Pêreses, 50\$00; do sr. António Gonçalves, de Sobral de Cima, 50\$00; do sr. Manuel Gonçalves de Araújo, da Aldeia, 50\$00, e a promessa de que breve mandaria de França 1.500\$00 para as bancadas da nova igreja.

Todos estes chegados recentemente de França, de visita à família; do sr. Manuel Fernandes, de Lobio, um amigo, que tantas vezes aqui está com os seus donativos, mais mil francos; do sr. Manuel Vicente Pereira, da Carpinteira, mais 50\$00 e mil francos; do sr. Agostinho de Sousa, dos Pêreses, que está em Lisboa, mas nunca deixa de saber como vão as obras de Santa Rita, mais 20\$00; da menina Maria da Glória Gonçalves, da Carreira, os seus primeiros 50\$00 e esperamos que agora nos ajude mais ainda; do sr. Mário Gonçalves, de Lobio, mais 50\$00; do sr. António Augusto Vaz, que agora foi para o Seilal, onde fixou residência, para os trabalhos da nova fábrica de Siderurgia Nacional, mais 40\$00; de Augusto Cândido de Carvalho, da Devesa, mais 100\$00 (e tantos já nos tem dado, para Santa Rita); de um anónimo, que veio de França, de Belmont Ferrand e há pouco lhe faleceu seu pai, mais 50\$00; do sr. Manuel José Fernandes, de Fontes, Paderne, 200\$00; da sr. Teresa Loureiro, de Surribas, mais 100\$00 e da sr. Rosa Fernandes, da Aldeia, vizinha de Santa Rita, que agora reside em Lisboa, mais 220\$00.

Se se somassem os donativos da sr. Rosa Fernandes, que pobre e vive do seu modesto trabalho, mas nunca se esqueceu da sua Padroeira, já teríamos certamente mais de dois mil escudos! E do sr. Fernando Sousa, agora chegado de França, mais 500\$00.

Que lições nos dão os amigos de Santa Rita! E como isto nos diz que as obras tem de ir!

Tem de ir! Mas como nos custa chegar ao fim da quinzena pedir mais um pouco de espera. Sim, espera, que estes trabalhos de Santa Rita não são bem como os outros! Nós estamos esperando pelo dinheiro que os devotos de Santa Rita vão mandar e os nossos mestres vão exercitando a sua enorme paciência, esperando um pouco (um pouco... dizem pelos nossos vales do correio.

Sim, isto vai, mas é assim... Se todos nos ajudassem... Se todos quisessem... Pois a obra tem de ir. Seremos capazes de inaugurar a casa da mesa e o terreiro, já no próximo mês de Junho?

E o que vamos ver...

Chaviães, 10

CASAMENTO — Realizou-se no passado dia 27 de Dezembro na igreja paroquial de Chaviães, o casamento da menina Maria Emília de Carvalho, regente escolar em comissão de serviço na escola feminina de Riofrio — Arcos de Veldavez filha do sr. Armando Miguel de Carvalho e de sua esposa sr. Amélia de Jesus Araújo, com o sr. António Augusto de Melo, empregado, da Empresa do Diário do Minho, em Braga; filho do sr. António de Melo (já falecido) e da sr. Maria Augusta Durães, natural da freguesia de Rouças deste concelho.

Paraninfirmo o acto por parte da noiva (seus padrinhos de baptismo, sr. Vitorino Lourenço e sua esposa sr. Maria Emília Rodrigues, e por parte do noivo o finalista de Direito, José Albano de Melo e a sr. Cécilia da Glória de Melo, mães do noivo.

No fim do acto foi servido em casa dos pais da noiva a todos os convidados um lauto almoço, no fim do qual usaram da palavra enaltecendo as qualidades dos noivos, vários oradores.

Que Deus cubra de bençãos espirituais e materiais este novo lar cristão são os nossos votos.

Pelo Hospital

(Continuação da 1.ª página)
216; Curativos, 263; Pequenas cirurgias, 14; Cirurgias, 1 R. X., 12; R. P., 35; Diabermias, 11; Baixas, 120; Altas, 26; Internados, 6; Falecidos, 1.

Enfermaria da Maternidade

Rosa da Conceição Vaz de S. Paio Regueiro, uma menina.

Maria Isabel Pereira da Silva, uma menina.

Maria Helena Ribeiro Prado Serra, um menino.

Adosinda Augusta Táboas, Prado Correioira, uma menina.

Emília de Jesus Vieira, Paderne Peso, uma menina.

Emília Alice Soares, Prado Bouços, uma menina.

Alzira Mendes Campos do Bouço, Prado, um menino.

Aurora Lamas, Cristóval Côtto do Sobreiro, um menino.

EM VERDUN

(Continuação da 1.ª página)

Eu tenho de fazer aqui uma humilde confissão:—por várias vezes, em França, tive de contrariar o gosto dos meus amigos que pediam do melhor para mim. E não aceitei. Mas nem sempre me obedeceram, pois eles bastas vezes davam por ela, e aí chegavam as contra-ordens rigorosas e indiscutíveis. E' assim o amor destes bons rapazes!

Lembro-me ainda do monumento levantado à memória do cabo de Guerra, marechal Petain e das palavras aí escritas para a posteridade: «On ne passera pas». **Não passarão!** Nessa batalha, o inimigo não passaria. Que homens e que soldados! E como a França lhe pagou, vendendo-o morrer numa prisão e não o deixando enterrar junto dos seus soldados como ele pediria: Dura lição.

No dia seguinte, fui celebrar. E seria o Victor, homem já dos seus trinta anos, já há tempos na França, que me daria esse gosto. Quando lhe perguntei quem ajudaria, respondeu-me: **pois eu mesmo.** O Victor!

Lembro-me de que o António de Carvalho, ali de São Paio, logo que teve conhecimento de que eu andava por aquelas terras nunca mais me deixou, acompanhando-me até longe. O que eu fiquei a dever a este simpático rapaz, de amizade e dedicação... E' que anos antes, tinha falecido em França, por aqueles lados o Júlio, da Jugaria. As circunstâncias, em que faleceu, foram um pouco misteriosas. Foi preciso levar a questão para o tribunal e este António de Carvalho seria o companheiro que havia de acompanhar a pobre família, ao fim do julgamento, que por sinal ainda foi, há dias. Nunca porém se lhe pôde descobrir o dinheiro arrecadado na «postex», esse não e talvez se perca para sempre. Se aí por essas terras, amigos que ainda vos encontrais em Verdun, alguém puder ajudar a pobre família, desentendendo esse dinheiro, como era bem. **Todos por um.**

Verdun! Meus confreraneos e meus amigos, daqui vos recordo a todos, a todos vos abraço e espero visitar-vos em Agosto próximo. Se virem por aí o nosso amigo Lopes, digam-lhe que não venda o carro. Valeu?

De Remoães

Janeiro, 9.—Foi às 16 horas do pretérito dia 28 que na paroquial igreja desta freguesia se celebrou missa vespertina e no fim foi exposto o S.S. Sacramento, iniciando-se, assim, o Sagrado Lausperene anual, de 24 horas, que decorreu na melhor ordem. Tanto os homens como as mulheres, de todos os lugares da freguesia, compareceram sempre em grande número e às horas que lhes estavam indicadas.

Encerrou este formosíssimo acto no dia 29 às mesmas 16 horas com missa solene.

O povo de Remoães está, pois, de parabéns.

—E já no próximo dia 2 de Fevereiro que aqui se há-de realizar a tradicional festividade em honra de N. Senhora das Candelas — a nossa festa maior. Constará de procissão de velas na véspera, missa solene a grande instrumental, sermão (possivelmente pelo consagrado orador P.e Júlio Ferreira de Azevedo, de Barbeita) e uma luzida procissão que percorrerá o itinerário do costume, no dia. Terá a abrilhantá-la uma cabine sonora e uma filarmónica.

A Comissão, que é constituída pelos muito probos e conhecidos srs. José do Nascimento de Sousa Pinto e José Vítor Rodrigues, apela para todos os remoanenses, tanto presentes como ausentes, que a auxiliem com seus donativos pecuniários, cada um na medida de suas possibilidades, confessando-se desde já para com todos muito reconhecida. — (C).

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL DE RESERVAS: Sessenta milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * FÁTIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

GENTE E COISAS
DE
«O MEU FICHEIRO»

TOPONIMIA

AMEAL — ARROCHAL — CERDEDO — OLEIROS E ORJAZ

Todos os topónimos tem seu significado e sua origem etimológica, a questão é conhecer uma e outra coisa, o que nem sempre é fácil e muitas vezes impossível é conhecer, sobretudo a quem — como eu — não passa de simples curioso nestes assuntos.

Ora de «O meu Ficheiro» — espécie de dicionário corográfico melgaçense, que durante cerca de doze anos organizei, como pude e soube, e onde estão tratados cerca de oito mil casos — extracto para aqui os topónimos em epigrafe, com a definição que lhes dei. Claro que essas definições podem não estar certas ou serem discutíveis, mas elas não-de prevalecer enquanto os entendidos na matéria não provarem o contrário. Até lá, porém, dizia eu que

Ameal, ou melhor **Amial**, é lugareja da parte alta da freguesia de S. Paio, por cima da Raza, cujo topónimo é contração de **ameiral**; isto é: mata de ameieiros ou sitio abundante destas betuláceas.

Arrochal — Povoação da freguesia de Prado, junto ao monte do mesmo nome, constituída apenas por três fogos.

Arrochal é forma arcaica de **arroteal**, isto é terra de **arrotea**, ou conquistada ao maninho. A transformação do **ch** por **t** é conhecida, pois o que hoje dizemos, **lobato**, **courato**, **curuto**, etc., antigamente dizia-se: **lobacho**, **couracho**, **corucho**, etc. O nosso povo mais rude ainda hoje diz: o **couracho** de porco, o **carucho** dum pinheiro, etc..

A quinta do Arrochal desde 16-12-1703 que constituía um dos itens do Morgadio de Galvão, por morte de Gaspar Pereira de Castro, ocorrida em 11-9-1889, coube em partilhas a seu filho Lopo Magno, que, aí por 1921, a vendeu a António Bento Domingues, natural de Castro Laboreiro e seu actual possuidor.

Cerdedo — Lugares das freguesias de Rouças e de Prado. Muito embora alguns filólogos queiram que **cerdedo** signifique local cerrado e circundado, eu permito-me discordar desse significado. E a minha discordância está nisto:

Se **Cerdal**, em Valença, é contração de **cerdeiral** e se **cerdeira** é sinónimo de cerejeira, não há dúvida de que **cerdedo** forçosamente há-de ser também contração de **cerdeiro**, que o mesmo é dizer sitio abundante em cerejeiras, sabido que o sufixo **edo** indica, cópia, abundância, grande quantidade, etc., como, por ex., **Figueiredo**, **Louredo**, **Macedo**, **Moreiredo**, etc., etc., lugares assim chamados pelas muitas figueiras, loureiros, macieiras, amoreiras, etc., etc., que em cada um deles existe ou existiram.

Oleiros — Povoações das freguesias de Rouças e de Prado, muito embora a desta última, imprópriamente, se lhe chame Leiros.

Oleiros podia muito bem vir de oleiros, fabricantes de loiça de barro, se... se nas faladas povoações ou nas suas proximidades houvesse barro mais ou menos fino para esta indústria cerâmica, o que se não verifica.

Ora, porque assim é, temos, pois, de filiar os nossos Oleiros no substantivo latino **olearius**, que deu em vernáculo **oleário** ou **oleiro**, isto é fabricante ou negociante de azeite. E isto deve estar certo, por quanto a oleicultura em Melgaço foi indústria muito florescente.

Orjaz — Lugarejo da freguesia de Cubalhão.

Orjaz, ou mais rigorosamente **Urjaz**, é forma arcaica e corrupta de **urzais**; isto é: sitio abundante em urze (do lat. **ulex**) eracécea que cresce nas terras incultas, a que também se dá o nome de **torga** (os nossos carvoeiros dizem **carbom trugainho**...) vegetal que, graças a Deus, não falta por todos aqueles sitios. Mas já houve mais...

MARIO

PRADO, 10

Em 30 do mês findo, foi a enterrar uma menina de 15 dias, filha da s.ra Emília Alice Soares, dos Bouços.

Sinto.

— Com o nome de Fernando Manuel, foi baptizado na igreja desta freguesia, no passado dia 3, um menino filho do sr. Adriano Dias e de sua consorte s.ra Maria de Lima, dos Bouços, tendo sido apadrinhado pelo benquisto comerciante desta localidade sr. Salvador dos Anjos Soares e por sua esposa.

— Regressaram aos seus estudos todos os estudantes desta freguesia que aqui vieram passar suas férias natalícias.

— E por hoje, porque mais não vejo que mereça as honras da gazeta e até porque está a fazer um frio capaz de enregelar os ossos a um esquimó, fico-me por aqui.

«Tás?...» — (C).

Vende-se

No lugar do Quinteiro, freguesia de Merufe — concelho de Monção, — em conjunto ou em partes, um casal de bens com esplêndida casa de morada e casa para caseiros, canastro, adega com lagar em pedra e bom vasilhame, prensa, alambique completo, moinhos (parte de dois) óptimas propriedades de lima e pasto, com esplêndidas vinhas, árvores de fruto (muita laranja, muito azeite, (cerca de dez cabaços) bons montes vedados e bem arborizados, tudo muito perto de casa e a um quilómetro da estrada de Merufe.

Falar com Anselmo Dias lugar de Valverde da freguesia de Longos Vales. — Monção.

As mais lindas rosas
As mais famosas
árvores
e fruto

As melhores sementes
de flores
e de hort.

Bolbos, insecticidas, fungicidas, arvoredo, construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis
Moreira da Silva & Filhos, Lda
Rua de D. Manuel II, n.º 55
PORTO

A PARIS

EM AUTO-CARRO EM
25 DE JANEIRO
POR 550\$00

Falar com João Hilário
Gonçalves — Vila de Melgaço.

Penso, 12

Na casa da sua residência no lugar das Lages, faleceu o sr. Patrício Fernandes, com 75 anos de idade. Também faleceu no lugar do Pombo a s.ra Francisca Gonçalves, com 84 anos de idade. Ambos tinham o dom de bondade pelo que tiveram grande acompanhamento com muita gente de ambas as classes à última morada com as respectivas confrarias.

Que descansem em Paz.

— No corrente mês, tomaram posse dos seus cargos os membros de Junta de Freguesia que foram os seguintes srs.:

Presidente, sr. Miguel dos Anjos Silva; Secretário, Agostinho Fernandes; Tesoureiro, Manuel Cordeiro.

São pessoas estas bem conhecidas para o bairro e pelas necessidades que esta freguesia tem. Os parabéns amigos, do correspondente do Penso.

— No dia 4 do corrente, D. Eufémia Rodrigues, Vilarinho deu à luz uma rubista criança do sexo masculino. Mãe e filho encontram-se bem.

Que nascesse com a melhor estrela.

— C.

Debuxo Teatral

Num pequeno salão central dum Palácio, bruxuleia o Espectro da Electricidade. Agitado, percorre o pavimento gesticulando, ao mesmo tempo que fala para si mesmo.

O Espectro da Electricidade:

Corri campos, corri prados,
Corri serras e montados,
Já sulquei todos os mares;
Não se levantam os braços
Dos meus pagens, nos espaços,
Sòmente aqui, nestes ares!
P'los efeitos sou palpável
Em toda a terra habitável,
já ninguém ao ver-me pasma;
Em tom mais baixo, como que segredando:
Porém aqui, (é curioso)
Neste salão tão formoso,
Nunca passei de fantasma.

Neste momento, a Imperatriz Estearina, penetra no aposento em atitude de concentração, monologando. Ao avistá-la, o Espectro treme, empalidece, dissolve-se nas trevas.

A Imperatriz Estearina:

Sou rainha! posso afirmá-lo com razões,
Sem temer jamais do néscio as irrisões.
Alto, de repente, num impulso:
Que é feito afinal do gaz maravilhoso
Que brilhou outrora em lâmpioes de rua?
Inda me lembro como inchava de vaidoso,
Por destronar do «Boulevard» a luz da lua.

O Espectro em voz débil:

Acabei! Levam-me a vida! Ladrões! Ladrões!
Adeus ó mundo infame! Adeus! Adeus! Adeus!

A Imperatriz continuando:

Quem o vê agora? Onde está? C'os lâmpioes,
Dorme juntamente no fundo dos museus.
Repara no Espectro da Electricidade, e, num gesto de despreso:

O' sombra tibia, serás grande, não o nego,
Na outra terra que de ti menos descuro;
Cá todavia, sobre ti reina inda o sebo
E o alvo fruto do insecto da dogura.
Repentinamente, no exterior deflagra grande burburinho, e, entra o Imperador Petróleo seguido de uma multidão de súbditos, clamando:
O Imperador:

Sou o rei destas esferas!
Venci tudo em meu redor!
A Imperatriz para o Espectro:
O' maldito porque esperas?
Dobra o pé ao teu senhor.
O Espectro então, num derradeiro arranque:
O' vileza suprema entre a vileza!
Levanta-se p'ra mim a vil matéria,
Pretendendo antepor a luz funérea,
Ao brilho argenteo da minha clareza.
Irado, arremete contra o Imperador, clamando:
Assassinios, teme o meu olhar!
Os súbditos do Imperador:
Agarra! Agarra! Matai! Matai!
A Imperatriz:
Deixai-me, quero-o leu estrangular!
O Imperador:
Pronto, está vencido! Olhai! Olhai!

Abrem-se as portas do salão com estrondo, e delas irrompe o Imperador Petróleo dando o braço à Imperatriz Estearina, seguido da legião dos sequazes. No chão, o Espectro agonizante.

O Imperador:

Sòzinho era Imperador,
Deste nortenho Palácio;
Só faltava ser senhor
Da senhora deste Lácio.
Em coro, todos:
Só nos causava embaraço
Este fantasma trão,
Incôla deste salão,
Denominado Melgaço.

S. Gregório, Dezembro de 1959

Carlos Seixas